

# As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

The modulations of divine love according to Beatrice of Nazareth

Renato Kirchner<sup>1</sup>  
Cássia Sales Kirchner<sup>2</sup>

## RESUMO

---

Beatriz de Nazaré foi uma priorisa cisterciense flamenga e provavelmente a primeira escritora mística medieval da qual a tradição nos legou um texto completo muito singular, sendo considerada uma das místicas mais importantes do século XIII. Ela enfatiza a importância do amor a Deus e ao próximo no processo do desenvolvimento espiritual. Em seu tratado, a autora desenvolve inequivocamente sua própria experiência do e no amor divino, o que pode ser expresso em formulações negativas como sem limites, sem objeções, sem intermediários, portanto, muito peculiar à mística negativa. Diante disso, o objetivo do presente artigo consiste, de um lado, em apresentar alguns elementos da época de Beatriz de Nazaré e evidenciar algumas leituras atuais de sua obra e, de outro lado, propor uma leitura interpretativa paulatina e progressiva do tratado *Sete maneiras de amor sagrado*.

---

**Palavras-chave:** Mística medieval; Amor divino; Amor sagrado; *Minne*; Beatriz de Nazaré.

---

## ABSTRACT

---

Beatrice of Nazareth was a Flemish Cistercian prioress and probably the first medieval mystical writer to whom tradition has bequeathed us a very unique complete text, being considered one of the most important mystics of the 13<sup>th</sup> century. She emphasizes the importance of love of God and neighbor in the process of spiritual development. In her treatise, the author unequivocally develops her own experience of and in divine love, which can be expressed in negative formulations such as without limits, without objections, without intermediaries, thus very peculiar to negative mysticism. In view of this, the aim of this article is, on the one hand, to present some elements from Beatrice of Nazareth's time and to highlight some current readings of her work and, on the other hand, to propose a gradual and progressive interpretative reading of the treatise *On Seven Ways of Holy Love*.

---

**Keywords:** Medieval mysticism; Divine love; Sacred love; *Minne*; Beatrice of Nazareth.

---

---

<sup>1</sup> Professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião e da Faculdade de Filosofia. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: renatokirchner00@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3105-1401>.

<sup>2</sup> Professora do curso de pedagogia da UNIFAAT, Atibaia-SP. Doutora em educação pela Unicamp. E-mail: cassiasallesmk@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9644-1390>.

## Introdução

Beatriz de Nazaré nasceu numa família próspera no ano de 1200 e morreu em 1268 no mosteiro cisterciense de Nazaré, do qual se tornou priora a partir de 1236. Sua biografia apareceu não muito depois de sua morte, onde o autor de *A vida de Beatriz (Vita Beatricis)* (Cirlot; Garí, 1999, p. 107-137; cf. também Aguilera) obteve seu material de escrita tanto das coirmãs do mosteiro de Nazaré como também teve acesso a dados de uma obra autobiográfica da própria priora: *Livro de sua própria vida (Liber vitae suae)*, texto que infelizmente não chegou até nós.

Beatriz de Nazaré foi, pois, uma priora cisterciense flamenga que, segundo Bernard McGinn (2018, p. 254-265), teria sido a primeira mulher mística medieval escritora da qual a tradição nos legou um texto muito *sui generis* e, então, também por isso, pode ser considerada uma das místicas mais importantes do século XIII. De fato, enfatizando a importância do amor ao próximo no processo espiritual de conhecer a Deus, Beatriz está na esteira da longa tradição mística cisterciense (Wolfskeel, 1989, p. 99-114).

Em *Sete maneiras de amor sagrado (Un seuen manieren van heiliger minnen)*, a autora descreve e compreende as várias maneiras de *minne* (Cantore, 2003, p. 149-150), sobretudo entendidas como processos interiores marcados pelo desejo, que se manifestam na alma que se prepara para a entrega total ao amor divino. Beatriz marcaria futuras gerações renanas, nas quais se destacam, para além de várias místicas beguinas, por exemplo, Marcella Pattijn, Matilde de Magdeburgo, Marguerite Porete, também Mestre Eckhart (McGinn, 2018, p. 260).

Em seu tratado, a mística flamenga reflete acerca da experiência do amor divino na sua plenitude: sem limites, sem objeções, sem intermediários (*sine medio*), no que se poderia chamar de uma ascese do desejo, ocupando-se com maestria no emprego e refinamento da linguagem poética e passando por uma erótica do conhecimento até a mais apurada reflexão filosófica sobre as relações do humano com a dimensão do amor divino.

Neste artigo, portanto, propomo-nos a desenvolver dois tópicos: em primeiro lugar, apresentar alguns elementos da época de Beatriz de Nazaré e referenciar e indicar alguns estudos atuais de sua obra; em segundo lugar, propõe-se realizar uma interpretação paulatina e consecutiva do tratado *Sete maneiras de amor sagrado*.

### 1. Beatriz de Nazaré: elementos de sua época e leituras atuais de sua obra

A estudiosa da tradição mística feminina medieval, Amy Hollywood, no livro *Acute melancholia and other essays: mysticism, history, and the study of religion*, referindo-se especificamente à monja flamenga, escreve:

Beatriz de Nazaré (1200-1268) passou a maior parte de sua vida em um ou outro dos três mosteiros cistercienses fundados por seu pai; dentro dessas casas, ela seguiu assiduamente a Regra de São Bento, copiou manuscritos de livros, orou, meditou, estudou e mais tarde serviu como priora. Ela também

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

escreveu obras religiosas em vernáculo, embora apenas um pequeno tratado, *Sete maneiras de amor sagrado*, tenha sobrevivido. Na época, os eventos externos da vida de Beatriz não eram excepcionais. No entanto, o tratado sugere que sua vida interior fervia e fervilhava com ondas de amor violento e desejo insano” (Hollywood, 2016, p. 193, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Um pouco adiante, Hollywood continua: “A vida de Beatriz é dividida em três partes, descrevendo a iniciação de Beatriz na vida religiosa, seu progresso nas virtudes e sua vida na perfeição” (Hollywood, 2016, p. 195, tradução nossa<sup>4</sup>; cf. também os estudos de Hollywood, 1995; Hollywood, 1999, p. 78-98).

Barbara Newman, por sua vez, e também outra reconhecida estudiosa de mística feminina medieval, em seu capítulo “13. Latin and the Vernaculars” (“Latim e vernáculos”), reunido no volume editado por Amy Hollywood e Patricia Z. Beckman, sob o título *The Cambridge Companion to Christian Mysticism*, considera que o original texto de Beatriz provavelmente enfrentou adversidades diversas no contexto social e eclesial em que ela estava inserida:

Por volta da época do ataque de Guiberto de Tournai, a autobiografia da monja flamenga Beatriz de Nazaré (falecida em 1268) foi reformulada como uma *Vita* latina por um clérigo que provavelmente destruiu seu original para evitar a perseguição. A grande mística franciscana Ângela de Foligno (falecida em 1309) ditou em italiano para seu escriba, “Frade A.,” que transcreveu seu discurso em seu latim mais seguro, embora reconhecidamente inadequado (Newman, 2012, p. 231, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Podemos concluir, assim, que o fato de o tratado de Beatriz de Nazaré ter sobrevivido e chegado até nós é de uma importância singular e, claro, também muito significativo para entendermos a mística feminina medieval, que muitas vezes rompe as fronteiras da ortodoxia ou das convenções estabelecidas, o que podemos encontrar em outras mulheres místicas, como é o caso também, por exemplo, de Clara de Assis<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> “Beatrice of Nazareth (1200-68) spent most of her life in one or another of the three Cistercian monasteries founded by her father; within these houses she assiduously followed *The Rule of Benedict*, copied book manuscripts, prayed, meditated, studied, and later served as prioress. She also wrote religious works in the vernacular, although only a short treatise, *Seven Manners of Loving*, survives. The external events of Beatrice’s life, then, were unexceptional. Yet the treatise suggests that her inner life boiled and teemed with waves of violent love and insane desire”.

<sup>4</sup> “The Life of Beatrice is divided into three parts, describing Beatrice’s initiation into the religious life, her progress in the virtues, and her life in perfection”.

<sup>5</sup> “Around the time of Guibert of Tournai’s broadside, the Flemish nun Beatrice of Nazareth’s (d. 1268) autobiography was recast as a Latin *vita* by a priest who probably destroyed its original to avoid persecution. The great Franciscan mystic Angela of Foligno (d. 1309) dictated in Italian to her scribe, “Brother A.,” who transcribed her speech in his safer though admittedly inadequate Latin”

<sup>6</sup> Frei José Marques Costa, em sua Apresentação ao livro *Santa Clara de Assis: época, carisma e espiritualidade*, de Frei José Antônio Correia Pereira, escreve logo de saída: “Quem conhece Santa Clara de Assis apenas por meio de respigadas biografias de São Francisco de Assis, como de alguém que só tivesse vida e movimento na órbita do Santo de Assis, ficará surpreendido ao encontrar neste livro o retrato de *uma mulher de forte personalidade, pensamento autônomo e vontade própria que, pela sua vida e obra, marcou o seu tempo e se projetou na história*. Os resultados da investigação histórica mais recente e os numerosos estudos publicados sobre Santa Clara *revelam a coragem e determinação de uma*

Também o já consagrado estudioso da história da mística ocidental, Bernard McGinn, escreve em seu livro *O florescimento da mística: homens e mulheres da nova mística (1200-1350)*: “Beatriz é certamente a mais antiga autora da nova mística. Embora sua obra vernácula que sobreviveu, *Sete maneiras de amor sagrado*, não possa ser datada com precisão, sabemos que essa monja cisterciense com experiência de beguina compôs um diário místico perdido que provavelmente era de mais ou menos 1215” (McGinn, 2018, p. 254).

Seja como for, Bernard McGinn chega mesmo a afirmar que apenas nas últimas décadas, ou seja, mais recentemente, Beatriz de Nazaré começou a ocupar seu merecido lugar entre as maiores mulheres místicas da Idade Média tardia, apesar da brevidade do que temos proveniente de sua lavra ou autoria. Como cisterciense e, sobretudo, como membro do ramo feminino de sua Ordem, ela exemplifica aspectos importantes na mudança da mística do século XII para a mística do século XIII, principalmente no que diz respeito à mudança da linguagem de *caritas* para *minne* (McGinn, 2018, p. 264).

O mesmo estudioso questiona: o que é *minne*? Ou melhor, quem é *minne*? Conclui que ambas as perguntas são apropriadas e evidenciam como é “virtualmente impossível definir *minne* de modo claro e simples, tanto em Beatriz como nos outros expoentes do modo cortesão da linguagem mística” (McGinn, 2018, p. 260). Isso deve ser compreendido como “enigmática ambiguidade e riqueza de *minne*, sendo um forte argumento em favor da sofisticação teológica do tratado de Beatriz” (McGinn, 2018, p. 260).

Mestre Eckhart, um dos maiores expoentes da mística medieval, deixou registrado no título do sermão 67 da série alemã: “Got ist die *minne*, und der in der *minne* wonet, der wonet in gote und got in im” (“Deus é o amor, e quem mora no amor, mora em Deus e Deus nele”) (Mestre Eckhart, 2008, p. 45; 1971, p. 129). Este belíssimo sermão, começa exatamente assim: “Deus mora na alma com tudo o que ele é e com todas as criaturas. Por isso, onde é a alma, ali é Deus, pois a alma é em Deus. Por isso, também a alma é onde Deus é, a não ser que a Escritura minta. Onde é minha alma, ali é Deus, e onde Deus é, ali é também minha alma; e isto é tão verdadeiro como Deus é Deus” (Mestre Eckhart, 2008, p. 45)<sup>7</sup>.

Procurando compreender melhor o sentido de *minne*, termo usado também pelo mestre renano, os tradutores brasileiros dos sermões alemães comentam e explicam: “Explicitando, Deus que é *minne* é plena doação absoluta, é plenamente, inteira e totalmente Um”. Primeiramente, então, *minne* é sinônimo da própria *deitas*, da *divindade*; em segundo lugar, *minne* pode ter sentido tanto masculino como feminino, ou seja, tanto “o amor” como “a amor” ou, quiçá, “a amorosidade encarnada”. E continuam: “É o doar-se por e para si de tal modo que *mir* não significa *para mim*, que sou algo fora dele, um sujeito, mas uma nova ‘realidade’ de encontro de amor, explicitada no texto que segue o *um*, *dativo a mim*, que diz: *como se ele tivesse esquecido, etc.*”, ou seja, a referência à primeira, como, aliás, aparece bem notoriamente no texto de Beatriz,

---

*mulher que sempre soube lutar pelos seus ideais e mostram claramente que ela é não apenas a fundadora de uma nova comunidade religiosa, mas a iniciadora de uma nova forma de pensar e viver a vida religiosa feminina, prenunciando, com muita antecedência, a problemática contemporânea sobre a importância e o lugar da mulher na Igreja e na sociedade* (Costa, 2019, p. 9-11, grifos nossos).

<sup>7</sup> Em médio-alto-alemão (*Mittelhochdeutsch*), editado por Josef Quint, lê-se assim: “Got wonet in der sêle mit allem dem, daz er ist und alle crêatûren. Dar umbe, wâ diu sêle ist, dâ ist got, wan diu sêle ist in gote. Dar umbe ist ouch diu sêle, wâ got ist, diu geschrift enliege denne. Wâ mîn sêle ist, dâ ist got, und wâ got ist, dâ ist ouch mîn sêle; und daz ist als wâr, als got got ist” (Mestre Eckhart, 1971, p. 129).

implica uma ânsia por união e por fusão com a ou na divindade. Mais ainda: “Aqui esse *eu que resta* não é resto, mas a plenitude do ser do encontro intrapessoal trinitário: o Um como deidade, o Deus da *Abgeschiedenheit*” (Mestre Eckhart, 2008, p. 46, nota 3).

Sendo a época e o pensamento medievais muito diversos e num panorama histórico relativamente amplo e distante de nosso modo de ser e pensar, Heinrich Rombach (1923-2004), no livro *Substância, sistema, estrutura: as principais épocas da história intelectual europeia*, pode auxiliarnos numa primeira aproximação. De fato, assim pensa Rombach, considerando que em épocas passadas a humanidade operou e manifestou seu jeito de ser e pensar a partir de outros registros ontológicos fundamentais, então, isso requer, presumivelmente, que nós nos movimentemos compreensivamente na ontologia que orientou e motivou autoras e autores medievais. Por essa razão mesmo, num livro primoroso de Marcia Sá Cavalcante Schuback, intitulado *Para ler os medievais*, a autora propõe um “ensaio de hermenêutica imaginativa” para nos aproximar e compreender ideias e modos de pensar dos autores e autoras do medievo:

Por mais visível, no entanto, que seja a confrontação medieval entre filosofia e teologia, a ponto de uma apenas se definir relativamente à outra, nada é para nós mais difícil do que dimensionar a condição viva dessa confrontação. *Nada é para nós modernos mais difícil do que dimensionar a condição viva da questão medieval de deus*. O que restou para nós dessa condição foram apenas pedaços, restos de palavras, figuras de pensamento, figuras teológicas que tropeçamos historicamente sob formas de dogmas. Se a nossa tentativa é de encontrar o lugar em que a condição viva do pensamento medieval pode ainda ressoar em nós, é preciso que em cada leitura se recolque hoje a questão de deus, a relação do pensamento com o fenômeno a que chamamos de “religioso” (Schuback, 2000, p. 37-38, grifos da autora).

Para a tarefa que assumimos aqui, então, parece conveniente e apropriado que “é preciso que em cada leitura se recolque hoje a questão de deus, a relação do pensamento com o fenômeno a que chamamos de ‘religioso’”, conforme enfatizado por Schuback. Mais ainda, como ela mesma grifa e ressalta: “*Nada é para nós modernos mais difícil do que dimensionar a condição viva da questão medieval de deus.*” E, por ser assim, esperamos que nossa proposta interpretativa, além de superar reais dificuldades inerentes à literalidade textual, bem como à simbologia sempre implícita, possamos possibilitar um contato mais pertinente e condizente possível ao modo de ser e pensar de Beatriz de Nazaré.

## 2. Uma proposta interpretativa de “Sete maneiras de amor sagrado”

Beatriz de Nazaré foi, pois, uma priora cisterciense flamenga e baluarte do pensamento das beguinas, é autora do tratado poético intitulado *Sete maneiras de amor sagrado* (Beatriz de Nazaré, 2018)<sup>8</sup>. Infelizmente, porém, ainda é raro e difícil de se encontrar estudos específicos

---

<sup>8</sup> Atualmente, dispomos de uma edição bilíngue (neerlandês médio e português) realizada em Portugal: *Sete maneiras de amor sagrado (Uan seuen manieren van heileger minnen)*, com estudos introdutórios de Joana Serrado, Arie Pos e Maria Pinho e tradução de Arie Pos. Esta edição conta, também, com uma cronologia da vida de Beatriz de Nazaré (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 48-85).

sobre este tratado. Há, contudo, um artigo de Maria Simone Marinho Nogueira, texto no qual a pesquisadora escreve e pondera:

Beatriz de Nazaré reflete sua experiência do divino na sua plenitude: sem limites, sem objeções, sem intermediários (*sine medio*), no que podemos chamar de uma ascese do desejo, apresentada ao longo do seu livro. Seu texto, escrito em prosa rimada, em neerlandês médio, vai do mais puro refinamento da linguagem, passando por uma erótica do conhecimento até a mais apurada reflexão filosófica sobre as relações do humano com a dimensão do sagrado. No percurso apresentado, Beatriz se mostra como uma autêntica trovadora de Deus, como uma anunciadora do divino, cujas ideias ultrapassam, em muito, os simples limites da razão, sem cair, entretanto, na ideia de que diz coisas sem sentido (Nogueira, 2017, p. 152).

Conforme apontado e anotado por Nogueira, é possível depreender facilmente pelo teor do tratado que Beatriz movimentava-se numa esteira da tradição dos trovadores, bem comum ao medievo. Contudo, pelo trecho a seguir, além de aspectos trovadorescos, Nogueira enfatiza a pertença e a manutenção de Beatriz à profundidade do tratado da monja flamenga quanto ao esvaziamento ou desprendimento, também típico da mística negativa e, no caso específico, da *Minnemystik*:

[...] toda a formação letrada de Beatriz, desde as categorias encontradas no amor cortês (como a nobreza, a lealdade, a coragem, a ousadia, a consciência da distância), passando pela questão da liberdade tão cara ao movimento das beguinas, a filosofia dos cistercienses, tal como encontramos em Bernardo de Claraval e em Guilherme de Saint Thierry até as ideias neoplatônicas como a *proodos* e a *epistrophè* que cercam o núcleo de uma *Minnemystik* (mística do amor). [...] Neste sentido, experiência absoluta do Amor (*Minne*) exige, por sua vez, um desnudamento absoluto da alma (amante) que busca Deus (Amor), constituindo-se todos os sete modos do percurso da alma numa verdadeira ascese do desejo, sem, entretanto, deixar de lado toda uma erótica do conhecimento, vista a partir das ideias do *conhecimento de si* e do *conhecimento de Deus* (Nogueira, 2017, p. 152-153).

Outro estudo importante sobre o tratado, este em língua espanhola, é o das estudiosas Victoria Cirot e Blanca Garí, no livro *La mirada interior: Escritoras místicas y visionarias en la edad media*. Da mesma forma, convém citar esta passagem, em que as autoras identificam certos aspectos muito importantes:

Em seu tratado, Beatriz fala na terceira pessoa. Ela desenvolve um caleidoscópio vertiginoso, as diferentes facetas de um prisma que revela os modos de amar. Seu tradutor encarna essa revelação, transformando-a em etapas, graus, degraus de uma experiência de vida linearmente desenvolvida rumo à perfeição, uma experiência que imprime no corpo de Beatriz os sinais

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré  
visíveis de sua santidade (A. Hollywood) (Cirlot; Garí, 1999, p. 125-126,  
tradução nossa)<sup>9</sup>.

Nos passos seguintes da interpretação reflexiva aqui proposta, objetivamos apresentar sucintamente cada um dos sete modos de amar, segundo o modo de ser e viver, isto é, de experienciar o amor divino, ou seja, nossa proposta consiste em fazer uma leitura interpretativa paulatina e progressiva do tratado *Sete maneiras de amor sagrado*, de Beatriz de Nazaré. No que segue, portanto, nossa proposta consiste, em comentar partes selecionadas e, às vezes, destacadas de cada um dos sete modos de amar propostos pela autora (Nogueira, 2017, p. 150-160).

**O primeiro modo de amar** é um desejo que certamente vem do próprio amor pelo qual a alma é impelida a alcançar e viver na pureza, na nobreza e na liberdade com que o criador a fez à sua imagem e semelhança. Este modo corresponde ao autoconhecimento, à investigação dentro de si e do próprio coração em perfeita concordância com a ideia – de origem cisterciense – da concentração de toda a espiritualidade no coração, seja de Cristo, seja dos seres humanos. O tratado começa nestes termos: “Existem sete maneiras de amor que provém da mais alta e levam de volta à mais elevada” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 48/49). Ou seja, já de saída, a monja anuncia que há sete maneiras de amar ou de amor, tendo em vista a possibilidade de ascensão “da mais alta” e, sobretudo, que conduzem ainda “de volta à mais elevada” (Cirlot; Garí, 1999, p. 126).

Na citação, a seguir, podemos perceber claramente, já na primeira modalidade ascendente, a relação amorosa entre criatura e criador:

Esta maneira é um desejo que seguramente provém do amor, isto é, que a boa alma que queira servir fielmente o nosso senhor e piamente segui-lo e verdadeiramente amar, é transportada para o desejo de obter e de estar na pureza, na liberdade e na nobreza em que foi criada pelo seu criador segundo a sua imagem e semelhança, que deve amar muito e guardar bem (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 48/49).

Pelos termos empregados pela monja em seu texto, é notório como a alma criada deseja “servir fielmente o nosso senhor e piamente segui-lo e verdadeiramente amar”, aspirando ser transportada ao “desejo de obter e de estar na pureza, na liberdade e na nobreza em que foi criada pelo seu criador”. Aparece aqui, primordialmente, uma temática frequente e recorrente numa menção indireta ao livro do Gênesis, a saber, de que a criatura humana foi criada segundo a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-28). E, assim, “deve amar muito e guardar bem”, ou seja, deve empenhar-se contínua e incessantemente, a fim de manter-se neste desejo amoroso pela relação já estabelecida com o criador e resguardar a permanência neste intuito.

Num outro passo e ainda nesse primeiro modo de amar, Beatriz de Nazaré é ainda mais enfática, conforme podemos ler:

---

<sup>9</sup> “En su tratado, Beatriz habla en tercera persona. Despliega en un vertiginoso caleidoscopio las distintas facetas de un prisma que revela los modos del Amor. Su traductor en cambio encarna esa revelación, la transforma en etapas, grados, escalones de una experiencia de vida desplegada linealmente hacia la perfección, una experiencia que imprime en el cuerpo de Beatriz los signos visibles de su santidad (A. Hollywood)”.

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

Esta alma procura saber amiúde e diligente o que ela é e o que devia ser, e o que tem e o que falta ao seu desejo. E com toda a sua diligência e com grande desejo, e com todo o engenho de que é capaz, ela esforça-se em guardar-se e fugir de tudo o que lhe possa estorvar e impedir esses trabalhos; e nunca o seu coração descansa nem desiste de procurar e exigir, e de aprender e de adquirir para si e manter tudo o que lhe possa ajudar e aproximar do amor (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 50/51).

Nesta passagem, há novamente uma série de aspectos que convêm serem observados, a saber: primeiramente, pelo que podemos depreender literalmente do texto, que o primeiro modo de amar não é primeiro, conforme uma ordem meramente numérica, cronológica ou até mesmo sequencial, uma vez que está em jogo um despertar primordial da alma criada com seu criador e, uma vez que isso tenha se dado e sempre de forma genuinamente gratuita, é necessário responder e corresponder diligentemente, ou seja, cuidadosamente, amorosamente. Outro aspecto presente nesta citação está relacionado ao modo como a criatura age e se empenha: “com todo o engenho de que é capaz, ela (procura) esforçar-se em guardar-se e fugir de tudo o que lhe possa estorvar e impedir esses trabalhos”, isto é, evidencia-se aqui que absolutamente nada deveria ser motivo de estorvo e de interdição em todos os trabalhos que forem necessários, pelo contrário, é esperado da criatura “guardar-se e fugir de tudo o que lhe possa” ser ou advir em contrário e, assim, empregar todo “o engenho de que é capaz”. E, além disso, e por ser assim, “nunca o seu coração descansa nem desiste de procurar e exigir, e de aprender e de adquirir para si e manter tudo o que lhe possa ajudar e aproximar do amor”.

Além disso, logo na sequência à citação comentada, Beatriz continua dando a entender claramente que se trata de trabalhar e laborar muito para estar sempre na altura do que já foi alcançado e, sobretudo, é necessário e conveniente manter-se ainda e sempre mais disposta e dedicada para ascender no desejo do amor divino:

Este é a maior diligência da alma que a isto se dedica, e que nisto tem de trabalhar e laborar muito à altura em que com diligência e com fidelidade tenha obtido de Deus que doravante, sem impedimento de pecados do passado, possa servir o amor de consciência livre, possa servir o amor puro e de entendimento claro (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 50/51).

**O segundo modo de amar** apresenta o caráter totalmente desinteressado e gratuito do amor, presente especialmente nesta expressão: “amor sem porquê”. Esta expressão – destinada a uma vida longa na tradição da escrita mística posterior<sup>10</sup> – é utilizada por Beatriz e por sua contemporânea Hadewijch de Antuérpia<sup>11</sup>. Ao modo do “amor sem porquê” faz parte uma imagem igualmente célebre, a saber: da donzela que serve a seu senhor sem procurar recompensa alguma. Servir ao senhor de forma totalmente gratuita, somente com e por amor, sem motivo algum, sem recompensa de graça ou glória, isto é, como uma nobre donzela que se ocupa a

<sup>10</sup> No renomado *O Peregrino Querubínico*, de Angelus Silesius (1624-1677), lemos: “Die Ros ist ohn warum; sie blühet weil sie blühet, sie acht nicht ihrer selbst, fragt nicht, ob man sie siehet” (“A rosa não tem porquê: floresce porque floresce. Não cuida de si mesma nem pede que olhes para ela”) (Angelus Silesius, 1996, p. 67).

<sup>11</sup> Hadewijch de Antuérpia – também chamada de Hadewijch de Brabante – foi uma poetisa e mística brabantense do século XIII. Hoje é geralmente aceito que Hadewijch foi a líder religiosa de um grupo de beguinhas, embora infelizmente não saibamos muitos detalhes de sua vida. Infelizmente, pouco se sabe sobre sua vida, havendo indícios de que escreveu entre os anos de 1230 e 1250, contudo, não necessariamente só neste período.



serviço de seu senhor por puro amor. Assim, ela quer servir ao amor com amor, dedicando-se e amando sem medida, acima de toda medida e acima de todo senso e razão humana (Cirlot; Garí, 1999, p. 127).

Dessa maneira, então, se formos ao encontro do segundo modo de amar, podemos ler no próprio texto de Beatriz:

Por vezes ela tem também outra maneira de amor, isto é, que ela procura servir o nosso senhor sem contrapartida, somente por amor, sem qualquer porquê e sem qualquer recompensa de graça ou glória, e assim como uma donzela serve o seu senhor por grande amor, e sem paga, dando-se por satisfeita que pode servi-lo e que ele consente que o sirva, assim ela deseja servir o amor por amor, sem medida e excessiva, e acima de sentido e razão humanos, com todo o serviço de fidelidade (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 52/53).

A primeira observação a fazer neste segundo modo de amar, então, é que a autora não fala de segundo modo, mas “de outra maneira de amor”. Não devemos tomar isso sem mais ou achar que se trata de um detalhe de menor relevância. E por que não? Quiçá, pelo fato de Beatriz *estar operando num outro diapasão* que não numa sequência simplesmente numérica, cronológica ou sequencial, ainda que ascendente, isto é, o “próximo passo” é, literalmente, uma “*outra maneira de amor*” (grifos nossos). Decisivo aqui, porém, é o entendimento de que a alma “procura servir o nosso senhor *sem contrapartida, somente por amor, sem qualquer porquê e sem qualquer recompensa* de graça ou glória, e assim como uma donzela serve o seu senhor por grande amor” (grifos nossos). Portanto, encontramos neste belíssimo e original texto de Beatriz de Nazaré como que uma “chave secreta” – sendo, pois genuinamente interior<sup>12</sup> – de toda assim chamada mística negativa, a saber, de que o amor genuíno pelo criador ou ao senhor é sempre literalmente “sem qualquer porquê” e “sem qualquer recompensa de graça ou glória”, melhor ainda, uma donzela necessita servir seu senhor ao modo e segundo a *tonalidade de amor* e, portanto, ser qualquer contrapartida esperada da outra parte, ainda que esteja em jogo, presumivelmente, o próprio amor divino.

**O terceiro modo de amar** é do sofrimento, da tortura do amor sofrida pela alma que não consegue satisfazer seu desejo de servir a Deus perfeitamente por causa de sua natureza criada. Esse desejo abala violentamente a alma que, com paixão, esforça-se por tudo fazer, alcançar todas as virtudes e, assim, sofre ou suporta tudo e faz todas as suas obras com amor, sem medida ou consideração. Assim, está ela pronta para tudo, aplicando-se intrepidamente mesmo nas dores e no que tiver de fazer. Porém, seja o que for que faça, ela sempre ainda permanece insatisfeita (Cirlot; Garí, 1999, p. 127-128). No próprio tratado de Beatriz podemos ler isso assim:

Este desejo é por vezes muito tempestuoso na alma, e assim ela procede com forte desejo a fazer todas as coisas, aspirando a todas as virtudes, sofrendo e

---

<sup>12</sup> Um exemplo notório encontramos, por exemplo, em Bernardo de Claraval, quando, ao interpretar do *Cântico dos cânticos*, afirma tratar-se de uma “experiência tão íntima” de modo a ser algo estranho para aquele que dela não participa. Pois, na medida em que se bebe da fonte, tem-se ainda e sempre mais sede, sendo, portanto, uma experiência incessante e insaciável (Kirchner, 2016, p. 322). Um breve comentário disso encontramos em Martin Heidegger: “É fonte selada da qual o estranho não participa; pois somente aquele que dela bebe terá ainda mais sede” (“Est fons signatus, cui non communicat alienus; sed solus qui bibit, adhuc sitiet”) (Heidegger, 2010, p. 317-318; Heidegger, 1995b, p. 334-335).

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

suportando tudo, e praticando todas as suas obras no amor sem poupar e sem medida.

Nisto ela está muito prestável em todos os serviços, e pronta e destemida em trabalhos e esforços, não obstante, continuando insatisfeita e descontente em todas as suas obras. Mas, acima de tudo, o seu maior sofrimento é que, apesar do seu grande desejo, não consiga satisfazer suficientemente o amor e que tanto lhe tenha de faltar no amor (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 54/55).

Para darmos continuidade em nossa interpretação e mantendo ligação com o que já tínhamos visto no texto de Beatriz, vemos aqui, novamente: “e praticando todas as suas obras no amor *sem poupar e sem medida*” (grifos nossos). Ou seja, a alma aspirante e desejante do amor divino não se esquivava e não poupa esforço algum, enfim, não há limite racional de qualquer medida e, por isso, empenha-se ela em praticar todas as obras e ações no amor, na tonalidade inerente ao amor tão ansiado e aspirado. E, ainda que “aspirando a todas as virtudes, sofrendo e suportando tudo” seja demasiado pesado ou exigente para esta alma, “ela procede com forte desejo a fazer todas as coisas” que porventura lhe possam advir. Desta feita, esta alma está, realmente, disposta e “prestável em todos os serviços, e pronta e destemida em trabalhos e esforços, não obstante, continuando insatisfeita e descontente em todas as suas obras”. Acompanhemos Beatriz neste terceiro modo de amar:

Ela bem sabe que é um trabalho sobre-humano e acima de tudo o que é capaz de fazer, pois o que deseja é impossível e irrealizável a todas as criaturas, isto é, que ela sozinha fosse capaz de fazer tanto como todos os humanos na terra e todos os espíritos do reino celeste, e todas as criaturas do céu e da terra, e inumeravelmente mais, em serviço e em amor e em adoração consoante a dignidade do amor. [...] Tudo isto não lhe dá descanso e é isso o seu único grande sofrimento: que tem de desejar o que não pode alcançar, e por isso ela tem de continuar nas aflições do coração e viver na insatisfação. E assim parece-lhe que vivendo morresse e morrendo sofresse as dores do inferno, e toda a sua vida é infernal, e descontentamento e insatisfação pelo horror do ansioso desejo que não consegue satisfazer, nem saciar, nem contentar (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 54/57).

Nesta outra passagem do terceiro modo de amar, impressiona que – segundo a autora – o quanto sem medida, de fato, esta alma pode e deve estar inclinada e disposta a realizar: “que *ela sozinha fosse capaz* de fazer tanto como *todos os humanos na terra e todos os espíritos do reino celeste*” (grifos nossos), isto é, ainda que esta alma fosse capaz de sozinha realizar tanto quanto os seres humanos na sua totalidade fossem capazes de fazer e realizar e, além disso, incluídos também todos os espíritos celestiais, ainda assim, sua ação presumivelmente estaria buscando a partir de uma referência de medida estritamente humana em detrimento ao que e a quem a alma, de fato, sabe que deseja e aspira e, por isso, só busca!<sup>13</sup> Por isso mesmo, continua o texto: “e *inumeravelmente* mais, em serviço e em amor e em adoração *consoante a dignidade do amor*” (grifos nossos). Razão pela qual, no trecho que segue citado, podemos ler: “*Tudo isto não lhe dá descanso e*

---

<sup>13</sup> Afinal, esta passagem de Mateus 7,7-11 ensina: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo aquele pede, recebe; o que busca, encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?”.

é isso o seu único grande sofrimento: *que tem de desejar o que não pode alcançar*, e por isso *ela tem de continuar nas aflições do coração e viver na insatisfação*” (grifos nossos).

A partir daqui, então, como leitores do texto de Beatriz, podemos e devemos fazer um esforço redobrado para tentar acompanhar o enorme e imensurável empenho que esta alma realiza e, se o realiza desse modo, está totalmente ciente de que não há outra maneira fora da maneira de amar e, por isso, deve continuar mesmo que nas aflições do coração e, assim, viver numa radical insatisfação consoante ao seu desejo pelo amor divino. De modo que, “assim parece-lhe que vivendo morresse e morrendo sofresse as dores do inferno”, melhor ainda, vive esta alma num “descontentamento e insatisfação pelo horror do ansioso desejo que não consegue satisfazer, nem saciar nem contentar”, escreve a autora do tratado *Sete maneiras de amor sagrado*.

**O quarto modo de amar** diz respeito à experiência do “abismo do amor”<sup>14</sup>, em que a alma mergulha igualmente na alegria e na dor, numa perfeita coincidência de opostos. A beleza do amor torna-a bela, a força do amor a subjuga, a doçura do amor a absorve, a grandeza do amor a submerge, a nobreza do amor a estreita, a pureza do amor a adorna, a altura do amor a eleva, de modo que deve ser todo amor e só pode exercer amor, isto é, agir no e para o amor. Quando se sente essa superabundância de delícias e essa plenitude do coração, o espírito se absorve completamente no amor, o corpo desmaia, o coração se dissolve e as forças abandonam a pessoa (Cirlot; Garí, 1999, p. 127-129). Aqui, na quarta modulação do amor divino, escreve Beatriz de Nazaré:

O nosso senhor costuma dar ainda outra maneira de amor, umas vezes em grande beatitude, outras vezes em grande sofrimento, e queremos agora falar dela. [...] E então sente que todos os seus sentidos são unidos no amor e que a sua vontade se tornou amor e que está tão profundamente afundado e absorvido no abismo do amor e que ele próprio se tornou todo amor (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 58/59).

Importante atentar que a autora não faz qualquer menção de tratar-se do quarto modo, mas apenas “outra maneira de amor”, sendo possível presumir, então, que, enquanto a alma avança em seu incessante progresso, ela se depara inevitavelmente na possibilidade de uma outra forma ainda não conhecida, a rigor, descobre-se literalmente alternante e, assim, tem a chance de vir a ser também e novamente outra. Contudo, e assim sugere Beatriz, pode a alma encontrar-se “umas vezes em grande felicidade” e “outras vezes em grande sofrimento”. Porém, quer na alegria ou na dor, é ainda e sempre “nosso senhor” quem costuma dar ou proporcionar isso. De fato, é isso que Beatriz quer enfatizar aqui – apesar das contrariedades possivelmente experimentadas – e é disso que ela quer falar. Vejamos *ipsis litteris*: “E então *sente que todos os seus sentidos são unidos no amor* e que *a sua vontade se tornou amor* e que *está tão profundamente afundado e absorvido no abismo do amor* e que *ele próprio se tornou todo amor*” (grifos nossos). Deveras importante

---

<sup>14</sup> Beatriz de Nazaré, ao seu jeito muito peculiar e em neerlandês típico, utiliza esta expressão: “afgront der minnen”, literalmente, “ab-ismo do amor”. No *Dicionário Heidegger*, podemos encontrar estes registros aproximados em língua alemã: “Grund, Ab-, Un- e Ur-Grund têm uma participação significativa nas especulações de místicos tais como Mestre Eckhart e Böhme sobre a natureza de Deus e da alma” (Inwood, 2002, p. 74). E, claro, deveríamos acrescentar: também no tratado de Beatriz de Nazaré.

reparar aqui que a alma está literalmente imersa, afundada, amalgamada e efusiva de puro amor e amor puro, se pudéssemos expressar esta experiência em outras palavras.

Assim, diversamente como muitas vezes encontramos na mística tradicional ou já consolidada, é admissível que Beatriz fale aqui de “união mística”, ou seja, dependendo da disposição da alma ao amor, não há absolutamente contrariedade ou adversidade alguma que impedirá o encontro no amor, pois “buscai e achareis; batei e vos será aberto. Pois todo aquele pede, recebe; o que busca, encontra” (Mt 7,7-11). E Beatriz continua nestes termos:

Quando se sente assim na abundância da beatitude e na grande plenitude do coração, todo o seu espírito se vai afundando em amor, e o seu corpo vai desaparecendo, o seu coração se vai derretendo, e todo o seu poder se vai perdendo. E de tal maneira forte é vencido pelo amor que dificilmente consegue controlar-se e muitas vezes perde o controle dos membros e de todos os sentidos (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 60/61).

E, por ser assim, escreve Beatriz, “o *seu corpo vai desaparecendo, o seu coração se vai derretendo, e todo o seu poder se vai perdendo. E de tal maneira forte é vencido pelo amor que dificilmente consegue controlar-se e muitas vezes perde o controle dos membros e de todos os sentidos*” (grifos nossos). Fica evidente então que seu corpo – “quando se sente assim na abundância da beatitude e na grande plenitude do coração” é de tal maneira vencido pelo amor, ao ponto de perder o controle de todos os membros e sentidos, ou seja, podemos inferir tratar-se aqui de um corpo amoroso ou, quiçá, um corpo liquefeito de e no amor aspirado. Isso vem expresso, em seguida, de forma literalmente exemplar: “E assim como um barril que está cheio quando é mexido rapidamente transborda e extravasa, assim é rapidamente muito tocado e todo vencido pela grande plenitude do seu coração, pelo que muitas vezes, contra a sua vontade, tem de transbordar” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 60/61), ou seja, um coração tão pleno como no exemplo de um barril que, ao ser tão rápida e intensamente agitado, só poderia mesmo expandir-se pelas beiras e pelas bordas – e, no caso do corpo, pela perda de controle dos membros e dos sentidos –, mesmo que se faça qualquer esforço voluntário em contrário, isto é, trata-se de uma agitação extremante abundante e pujante de coração e de alma.

**O quinto modo de amar** é a tempestade ou fúria do amor, um tema central nas cartas e poemas da contemporânea Hadewijch. Nesse modo, a loucura e a violência do amor afetam o corpo e a alma de forma indissociável, enquanto o abraço do amor a fortalece. Assim, pode acontecer que o amor está em condições de despertar na alma uma tempestade, com grande barulho e grande fúria, parecendo que o coração vai se partir com a força do assalto e a alma deveria sair de si mesma (Cirlot; Garí, 1999, p. 129-131; cf. também Nogueira, 2017, p. 156). Vejamos como isso vem expresso pela escrita de Beatriz:

Por vezes acontece também o amor ser despertado fortemente na alma, levantando-se tempestuosamente com grande ímpeto e grande fúria, como se com violências fosse partir o coração, transportando-o para fora dele e para cima dele, na prática do amor e na aspiração ao amor. E, ao mesmo tempo, é também transportado para o desejo de realizar as obras grandes e puras do amor ou de cumprir as múltiplas exigências do amor. Ou deseja descansar no doce abraço do amor e na intensa beatitude, e no contentamento da posse,

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

pelo que o seu coração e a sua razão desejam isto, e procuram-no com diligência e com aspiração ardente (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 62/63).

Segundo a autora do tratado *Sete maneiras de amor sagrado*, “quando está nisto, *está tão fortemente no espírito e muito empreendedora no coração*, e mais acordada no corpo, e mais célere nas obras, e muito ativa por fora e por dentro, pelo que *lhe parece que tudo nela esteja ativo e ocupado, mesmo que esteja toda tranquila por fora*” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 62/63, grifos nossos). Importante notar aqui que a aparente tranquilidade exterior pode encobrir ou não deixar transparecer toda movimentação da alma ativa e ocupada interiormente, isto é, quando “muito empreendedora no coração”, no mais íntimo de si mesma. Beatriz continua:

E assim lhe parece que as suas veias se abrissem e o seu sangue se esvaísse, e a sua medula definhasse e as suas pernas enfraquecessem, e o seu peito ardesse e a sua garganta secasse, pelo que o seu rosto e todos os seus membros sentem por dentro o calor e a fúria do amor. *Por vezes, sente também que uma seta perpassa repetidamente o coração para a garganta e adiante até ao cérebro como se fosse perder a razão* (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 64/65, grifos nossos).

Vemos aqui uma manifestação muito aguda e extremada, isto é, pode acontecer como se uma flecha atravessasse o próprio coração sem aviso algum, avançando inclusive pela garganta até o cérebro ao ponto de lhe privar de qualquer controle racional. E, por ser assim, nesta quinta modulação amorosa Beatriz ainda arremata: “*O mesmo que mais a atormenta e magoa é o que mais a cura e alivia, e o que lhe faz as feridas mais profundas é o que somente lhe dá saúde*” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 66/67, grifos nossos). De fato, vê-se claramente o quanto nesta experiência interior a alma é moldada, melhor, lavrada ao modo do amor divino, a saber, não há literalmente nada que a atormente e magoe, uma vez que justamente isso labora e colabora pela cura e pelo alívio e, ainda, embora possa parecer que lhe possa ferir, mais e mais saúde lhe é proporcionada.

**O sexto modo de amar** é, de certo modo, oposto ao quinto modo no tratado de Beatriz de Nazaré. A tempestade do amor foi transformada num estado de repouso absoluto. A alma experimenta, então, outro modo de amor com um conhecimento mais íntimo e elevado, pois o amor triunfa sobre seus adversários, domina seus sentidos e torna-se senhor de si mesmo. Nesse estado, então, tudo é pouco para a alma e tudo o que pertence ao amor é fácil fazer ou não fazer, sofrer ou carregar, sendo leve e doce para ela exercitar-se no amor. Experimenta-se, assim, um poder divino, uma pureza límpida, uma suavidade espiritual, uma liberdade fervorosa, um discernimento sábio, uma doce igualdade com nosso senhor e um conhecimento íntimo de Deus (Cirlot; Garí, 1999, p. 131-133). No tratado de Beatriz podemos ler isso assim:

Quando a noiva se tiver aproximado mais do nosso senhor e tiver subido mais em maior devoção, ela sente ainda uma outra maneira de amor, numa maior proximidade e num conhecimento superior. Sente então que o amor venceu todos os seus adversários dentro dela e que corrigiu os defeitos e dominou os sentidos e adornou de virtude o caráter e aumentou e elevou o ser, e ganhou poder completo sem contradição sobre ela própria, pelo que controla o coração em segurança, podendo fruir em sossego e devendo esforçar-se em liberdade.

Quando está nisto considera todas as coisas pequenas e fáceis de fazer e de deixar de fazer, de sofrer e de suportar que pertencem à dignidade do amor, e assim é-lhe leve esforçar-se no amor.

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

Assim sente então um poder divino e uma pureza clara e uma doçura espiritual, e uma intensa liberdade e uma sabedoria discernente, e uma suave igualdade com o nosso senhor, e um conhecimento próximo de Deus.

Então ela é como uma dona de casa que tem a sua casa bem organizada e sabiamente governada, e belamente ordenada, providentemente protegida, e sensatamente guardada, trabalhando com discernimento; e ela manda entrar e manda sair, e faz e deixa de fazer segundo a sua vontade; assim é também com esta alma, ela é amor e o amor reina nela de forma dominante e poderosa, trabalhando e descansando, fazendo e deixando de fazer por fora e por dentro segundo a sua vontade (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 68/69).

Nesta sexta modulação amorosa, Beatriz considera que a alma “sente ainda uma outra maneira de amor, numa maior proximidade e num conhecimento superior”. Muito apropriado e conveniente recordar aqui o início do tratado na sua primeira modulação amorosa, a saber: “Existem sete maneiras de amor que provém da mais alta e levam de volta à mais elevada” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 48/49).

Contudo, como se dá isso agora nesta nova, melhor, outra modulação amorosa? A autora, utilizando-se de uma experiência cotidiana e domiciliar maternal, escreve: “Então *ela é como uma dona de casa que tem a sua casa bem organizada e sabiamente governada*, e belamente ordenada, providentemente protegida, e sensatamente guardada, trabalhando com discernimento” (grifos nossos), ou seja, organizar uma casa e governá-la sabiamente requer adorná-la, protegê-la, guardá-la com total discernimento, quer dizer, com pleno zelo de coração e mente em vista do bem comum. E, sendo assim, “*ela manda entrar e manda sair, e faz e deixa de fazer segundo a sua vontade; assim é também com esta alma, ela é amor e o amor reina nela de forma dominante e poderosa*” (grifos nossos), ou seja, este novo modo de ser, esta sexta modalidade de amar, não significa não ter vontade caso esta esteja entretida e ocupada com seu próprio ser ao modo como se vela, zela e se cuida de uma casa, ressaltando, inclusive, o poder de deixar ou não deixar entrar, segundo seu sentimento, consentimento e conhecimento. E, então, mais um belo exemplo é apresentado por Beatriz: “E assim *como o peixe que nada na amplidão do mar e descansa na profundidade e a ave que voa corajosamente na vastidão e na altura do céu*, assim ela sente o *seu espírito movimentar-se livremente na amplidão e na profundidade, e na vastidão e na altura do amor*” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 70/71, grifos nossos). Na verdade, não se trata de um exemplo meramente exterior apenas, pois além de olhar e observar a natureza circundante em que há remissão ao peixe que nada e à ave que voa, o que realmente importa aqui é o sentido simbólico intencionado pela autora, a saber, a alma sente “seu espírito movimentar-se livremente *na amplidão e na profundidade, e na vastidão e na altura do amor*” (grifos nossos). O que, de fato, importa é a referência genitiva “do amor” que, então, remete para a amplidão e profundidade “do mar”, onde a alma descansa e para a vastidão e altura “do céu”, onde a alma sente seu espírito se movimentar. E assim, então, continua Beatriz a ponderar e a considerar:

A violência do amor transportou e guiou, guardou e protegeu a alma dando-lhe a sensatez e a sabedoria, a doçura e a força do amor. No entanto, escondeu o seu grande poder da alma até ao dia em que ela subiu a maior altura e ficou totalmente livre de si própria, reinando o amor mais poderosamente dentro dela.

Então o amor torna-a tão corajosa e livre que não teme homem nem diabo, nem anjo, nem santo, nem o próprio Deus em tudo o que faz ou deixa de

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

fazer, trabalhando ou descansando; e ela sente que o amor está acordado dentro dela e trabalhando tanto no descanso do corpo como em muitos trabalhos: ela percebe bem e sente que o ardor não reside no trabalho nem no sofrimento de quem em cujo interior ele reina. [...]

Isto é a liberdade da consciência, e a doçura do coração, e a bondade da razão e a nobreza da alma, e a elevação do espírito, e o começo da vida eterna.

Isto é aqui uma vida de anjo e a isso segue-se a vida eterna que Deus pela sua bondade queira dar a todos nós (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 70/73).

Com efeito, uma alma assim liberta das adversidades e contrariedades da vida e do próprio corpo, tendo vencido por mérito e esforço próprios e incessantes, pode gozar da “liberdade de consciência”, da “doçura do coração”, da “bondade da razão”, da “nobreza da alma”, da “elevação do espírito” e do “começo da vida eterna”. Reparemos bem: Beatriz elenca e entende que, ao estar e movimentar-se nesta modalidade amorosa, tudo o que possa contribuir participa sempre genuinamente, melhor ainda, genética e genitivamente, *do ser amoroso de Deus*. E, por isso, pode ela também dizer: “Isto é aqui uma vida de anjo e a isso segue-se a vida eterna que Deus pela sua bondade queira dar a todos nós” (grifos nossos), em outras palavras, viver assim, ainda que seja aqui na terra, é já viver e participar de uma vida ao modo dos anjos e, além disso, que, viver nessa tonalidade amorosa, é já viver e participar da eternidade divina, “que Deus pela sua bondade queira dar a todos nós”. Talvez devêssemos também agora ainda dizer mais explicitamente e de forma resumida tudo quanto o texto de Beatriz veio apontando, expondo, explicando, exemplificando a respeito de nossa responsabilidade humana diante do Deus criador de tudo e de todas as coisas: participar de Deus e em Deus implica sempre um empenho humano próprio de cada pessoa e, por ser assim, contínuo, incessante e incansável, onde, porém, participar e corresponder é sempre já dádiva divina concedida aos que amam e buscam ao seu Senhor de alma, corpo e mente.

**No sétimo modo de amar**, Beatriz, de alguma forma, recapitula. Cada uma das facetas de seu prisma, cada uma das modalidades de amar – já descritas anteriormente – aparecem neste último modo. O sétimo modo é todo e, ao mesmo tempo, superior a todos os modos anteriores, porque nele se expressa a experiência de Deus acima de tudo que é humano e acima do tempo. Mas o paradoxo persiste, porque engasgada no amor: a terra é para a alma um grande exílio, uma dura prisão, um tormento cruel. A alma despreza o mundo e a terra a enoja. Nada terreno pode deleitá-la ou satisfazê-la, e é uma grande dor para a alma ter de viver longe e estrangeira em todos os lugares. Seu exílio não pode ser esquecido, seu desejo não a apazigua, sua saudade a atormenta dolorosamente. Experimenta, assim, a paixão e o martírio, sem medida nem piedade (Cirlot; Garí, 1999, p. 133-135).

Logo de saída, a sétima modalidade de amor não é vista e nem apresentada por Beatriz como sendo a última, porém, ainda como “outra maneira de amor elevado” da alma bem-aventurada e, por isso, feliz. A autora mesma expressa isso assim:

Tem a alma beata ainda outra maneira de amor elevado, que não lhe dá pouco trabalho interior, isto é, que é transportada acima de humanidade no amor, e acima de sentido e razão humanas, e acima de todos os trabalhos do nosso coração, sendo transportada unicamente com amor eterno para a eternidade do amor e para a incompreensibilidade, para a amplidão e para a vastidão, e a inacessível altura e o profundo abismo da divindade, que está em todas as

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

coisas e que continua incompreensível acima de todas as coisas e que é imutável, omnipresente, onnipotente, omnisciente e omni-dominante. Nisto a alma beata é tão tenramente afundada no amor, e tão fortemente transportado no desejo que o seu coração está muito definhando e inquieto por dentro, a sua alma derretendo e definhando de amor, o seu espírito violentamente suspenso de forte desejo. E todos os seus sentidos transportam-na para querer estar na fruição do amor. Isto exige diligentemente de Deus e isto procura ardentemente de Deus e isto tem de desejar fortemente. Pois o amor nunca a deixa acalmar nem descansar, nem estar em paz (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 74/75).

De fato, como podemos perceber, Beatriz recapitula, isto é, resume sucintamente e se atém ao fundamental e essencial para uma alma que já ascendeu, já se elevou, de modo que pode, então, com serenidade, declinar reconhecendo o que tal empreitada implica e significa para a alma humana: “Isto *exige diligentemente de Deus* e isto *procura ardentemente de Deus* e isto *tem de desejar fortemente*” (grifos nossos). Novamente aqui o genitivo “de Deus...” de quem e a quem a alma anseia exigente, procuradora e, por isso mesmo, não poderia ser sem a força necessária e correspondente, ou seja, o empenho da força da alma está literalmente implícito. Nesse sentido, Beatriz continua: “Pois o amor nunca a deixa acalmar nem descansar, nem estar em paz”, daí, atua e empenha-se contínua e incessantemente. E, por ser assim...

O amor transporta-a para cima e mantém-na em baixo, alivia-a e volta a torturá-la, dá-lhe a morte e traz à vida, dá saúde e volta a ferir. Põe-na louca e depois sábia. Assim transporta-a para um estado superior, subindo no espírito acima do tempo para a eternidade, sendo elevada acima das dádivas do amor para a eternidade do amor que é sem tempo, e ela fica elevada acima da maneira humana, e acima da sua própria natureza no desejo de “estar acima dela” [isto é, estar em Deus]. [...]

Então, aí em cima entre os espíritos tem a sua intensa convivência, e sobretudo entre os serafins ardentes na grande divindade, e na alta trindade tem o seu aprazível descanso e a sua agradável habitação. [...]

Por isso, o reino terrestre é-lhe um grande desterro e uma forte prisão e uma pesada tortura. Ela desdenha o mundo; o reino terrestre entristece-a, e o que pertence ao reino terrestre não a pode contentar nem satisfazer. E é-lhe uma grande dor ter de estar tão longe e parecer tão estranha. Não pode esquecer o seu desterro, o seu desejo não pode ser saciado, a sua ânsia atormenta-a penosamente, e com isso é torturada e martirizada excessivamente e sem clemência. Por isso está com grande ânsia e forte desejo de ser libertada deste desterro e de ser dissolvido deste corpo e assim diz então de coração dorido como fazia o apóstolo que disse: “Cupio dissolvi et esse cum cristo”. Isto é, Desejo ser dissolvido e estar com Cristo. Fil. 1,23 (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 74/79).

Como já pudemos observar, embora indiretamente o tratado de Beatriz de Nazaré permita entrever seu conhecimento e domínio da tradição cristã da qual é herdeira e em que está inserida, algumas referências diretas aparecem explícitas e identificadas no texto como, por exemplo, a Epístola aos Filipenses. Parece-nos conveniente e apropriado citar um trecho mais longo desta passagem paulina: “Porque de ambos os lados estou em aperto, tendo o desejo de partir, e de estar com Cristo, porque isso é ainda muito melhor. Mas julgo mais necessário, por



causa de vós, ficar na carne. E confio nisso, e sei que ficarei, e permanecerei com todos vós, para proveito vosso e alegria da fé” (Fl 1,23-25). Como podemos observar, nos dois últimos versículos fica ainda mais evidente que é o próprio apóstolo que fala em primeira pessoa, ainda que esteja também se dirigindo aos membros da comunidade cristã de Filipos. Em suma, segundo Paulo, acreditar implica aceitar todas as contradições e adversidades da vida, e, apesar disso, “estar em Cristo, porque isso é ainda muito melhor”, porque ficar e permanecer ao lado os crentes filipenses, significa estar na “alegria da fé” professada. Por isso mesmo, a citação que segue do tratado de Beatriz tem a conotação ou tonalidade da referida carta paulina:

E assim está também a alma, com forte desejo e numa penosa inquietação de ser dissolvida e de viver com Cristo. Não por tristeza sobre o tempo presente, nem por medo de adversidades futuras, mas somente por amor sagrado e por amor eterno, ela deseja ardente, definhada e muito ansiosamente chegar à terra da eternidade e à glória da fruição (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 78/79).

Bem emblemático e notório que, no texto, Beatriz ainda reconheça: “É uma paixão beata e um tormento agudo, e uma longa tortura, e uma morte assassina e um viver morrendo” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 78/81). E, continuando, Beatriz em sua recapitulação, prossegue:

O amor transportou-a e guiou-a e ensinou-lhe o seu caminho que ela seguiu fielmente. Frequentemente em grande labor e em muitos trabalhos, em grandes ânsias e fortes desejos; em muitas inquietações e em grandes insatisfações; em mal e em bem e em muitas torturas; em procurar e em exigir, e em carecer e em ter; em subir e em estar suspensa, em seguir e em muito se aplicar; em necessidade e em tristeza, em ansiedade e em cuidados, em elanguescer e em definhar, em grande confiança e em muita desconfiança, em prosperidade e em adversidade, ela está pronta na virtude. Na morte e na vida quer praticar o amor, e no sentir do coração suporta muitas dores, e por causa do amor ela deseja chegar à terra (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 80/83).

Com efeito, segundo a autora do tratado *Sete maneiras de amor sagrado*, a verdadeira obra do amor que a alma humana pode realizar consiste em “que ela deseje a proximidade maior e mais procure o estado superior onde mais pode praticar o amor” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 82/83). E prossegue: “Por isso quer sempre seguir o amor, conhecer o amor e fruir o amor, o que não lhe é possível neste desterro. Por isso quer ir para a terra onde construiu a sua habitação e para onde dirigiu todo o seu desejo e onde descansa com amor e com desejo” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 82/83).

Na sequência, Beatriz faz menção direta ao segundo livro das *Confissões* de Santo Agostinho, reconhecendo que “fruirá com plena satisfação quem na sua alma tantas vezes abraçou com amor. E aí entrará no gáudio do seu senhor, como diz S. Agostinho: *‘Qui intrat in te, intrat in gaudium domini sui etcétera’*, isto é, *‘Ó senhor, quem entra em ti, entra no gáudio do seu senhor e não temerá, mas estará optimamente bem no sumo bem’*” (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 84/85, grifos nossos).

Para termos presente e mantermos o texto e contexto de Agostinho na íntegra, convém dizermos que se trata do último capítulo do segundo livro das *Confissões*, a saber, o capítulo 10, que versa sobre sua adolescência, onde o mestre de Hipona escreve:

As modulações do amor divino segundo Beatriz de Nazaré

Quis exaperit istam tortuosissimam et implicatissimam nodositatem? Foeda est. Nolo in eam intendere, nolo eam videre. Te volo, iustitia et innocentia, pulchra et decora honestis luminibus, et insatiabili satietate. Quies est apud te valde et vita imperturbabilis. Qui intrat in te, intrat in gaudium domini sui et non timebit et habebit se optime in optimo. Defluxi abs te ego et erravi, deus meus, nimis devius ab stabilitate tua in adulescentia et factus sum mihi regio egestatis (Quem desembaraçará este nó tão enredado e emaranhado? É asqueroso; não o quero fitar nem ver. Quero-te a ti, ó Justiça e Inocência tão bela e tão formosa, como puros resplendores e insaciável saturação. *Em ti há grande tranquilidade e vida imperturbável. Quem entra em ti, penetra “no gozo do seu Senhor”* (Mt 25,11) e não só não terá receio, mas também permanecerá soberanamente no bem perfeito. Na adolescência, afastei-me de ti, andei errante, meu Deus, muito desviado do vosso apoio, tornando-me para mim mesmo uma região de fome) (Agostinho, 1988, p. 56, grifos nossos).

Como já amplamente conhecido e também estudado, na obra referida, o filósofo e místico de Hipona (354-430) fala básica e essencialmente de si mesmo, revelando-se a si mesmo em detalhes e, no caso específico, trata-se de uma passagem ao final de sua adolescência. Poderíamos considerar que, talvez, esta citação escolhida por Beatriz não seja fortuita e sem mais, tendo em vista que, segundo a língua latina, língua em que Agostinho escreve seus textos e certamente também conhecida por Beatriz, “adolescência” diz respeito ao processo vivido por uma pessoa nesta precisa etapa da vida.

De fato, o significado etimológico da palavra “ad-olescência” provém da aglutinação latina de *ad* (a, para) e *olere* (crescer, desenvolver-se), referindo-se, portanto, ao “processo de crescimento e desenvolvimento”, no sentido bem específico de que o indivíduo humano, para ser quem já é, mas que, ainda assim, poderá vir a tornar-se aquele ou aquela que ainda não é, resguarda em certo sentido um modo natural e inato de “crescer e amadurecer” sempre mais em si e para si mesmo, sendo a ideia motriz e condutora presente em cada uma das sete modulações de amor que compõem o tratado de Beatriz de Nazaré.

Assim, se levarmos em conta estes fatores ou estas variáveis num horizonte mais amplo e fundamental em que Beatriz se movimenta e também faz sua própria experiência mística, então, talvez tenhamos aqui, já ao final de seu tratado, mais razões para compreender ainda melhor o verdadeiro sentido e a essencial intuição que atravessam e perpassam seu tratado tão singular. Explicando melhor e tendo presente a etimologia do verbo *adolescere*, então, trata-se, de fato, de um “processo de crescimento e amadurecimento espirituais interiores”, isto é, da alma humana ansiosa pelo amor divino, traços tão essenciais e fundamentais a toda mística originalmente cristã, mas a que a monja de Nazaré dá uma coloração toda própria.

Nesse sentido, não seria demasiado considerar que *Uan seuen manieren van heiliger minnen* não só termina como talvez também começa ou recomeça assim?

Aí a alma é unida com o seu noivo, e fica todo um espírito com ele, numa fidelidade inseparável e num amor eterno.

E quem se esforçou nele no tempo das graças, fruirá dele na glória eterna, onde não se fará outra coisa se não louvar e amar. Que Deus queira levar todos nós até lá, amém (Beatriz de Nazaré, 2018, p. 84/85).

## Considerações finais

Embora a mística apofática já tivesse uma tradição antiga e longa, remontando a Plotino, Gregório de Nissa e Dionísio, o Areopagita, por exemplo – para citar apenas três referências consagradas –, conhecerá a mística negativa no medievo novas expressões e manifestações. Pois bem, este é o caso, inequívoco e inescusável, do texto da monja Beatriz de Nazaré, um tratado belíssimo, legado para a posteridade e, presumivelmente, por uma das primeiras mulheres místicas medievais a quem tantas outras seguirão, direta ou indiretamente, e, diga-se, à margem da oficial língua latina, no caso, em neerlandês: *Uan seuen manieren van heiliger minnen*.

Algo similar fará, seguindo a mesma tradição, Mestre Eckhart (1260-1328), não somente falando ao povo e escrevendo em médio-alto-alemão – de onde provêm os assim chamados sermões alemães, por exemplo –, mas também e, sobretudo, pelo modo como este mestre renano veio a tematizar com rigor, precisão e profundidade suas ideias, às vezes, nos limites da ortodoxia vigente nos anos em que viveu, falou e escreveu.

Seja como for, ainda que nossa proposta tenha se ocupado em apresentar o belo e original tratado de Beatriz de Nazaré, procurando fazer um comentário interpretativo quase ao pé da letra, ainda assim, e até por isso mesmo, impressiona a força e vigor pelos quais esta mulher viveu ansiando e ansiou vivendo, de modo completamente ciente e consciente, seu desejo ardente de amar seu amado senhor.

E, por ser assim, o que realmente chama a atenção aos leitores que têm contato atido e atento com o tratado *Sete maneiras de amor sagrado*, é que a autora não somente anseia e deseja amar sem medida, mas, sobretudo, uma vez iniciada a busca ardente por este amor... – e melhor talvez, *neste amor... inalcançável e insaciável* –, este só poderia ser mesmo divino ou sagrado enquanto literalmente aspira ardentemente seu senhor, isto é, o *ab-soluto*<sup>15</sup>, que é o único em si e a partir de si mesmo.

De fato, no sermão 52 da série alemã, que tem por lema “*Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum caelorum*” (Mt 5,3), o próprio Mestre Eckhart expressa-se nestes termos:

O que sou, segundo minha natividade, há de morrer e será aniquilado, pois é mortal e deve, portanto, corromper-se com o tempo. No meu nascimento <eterno> nasceram todas as coisas, e eu era causa de mim mesmo e de todas as coisas. Se tivesse, querido, não existiriam nem eu, nem todas as coisas. Se eu, porém, não fosse, também “Deus” não seria. Que Deus é “Deus”, disso sou eu a causa. Se eu não fosse, Deus não seria “Deus”. Saber isso não é necessário (Mestre Eckhart, 2006, p. 291)<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> *Ab-solutus* provém do latim *solutus ab omni re*, compreendendo o que é “em si e por si” ou “em si a partir de si”. Os tradutores dos sermões de Mestre Eckhart registram que, “o ser, desprendido, solto, na sua ab-soluta liberdade, é direta e indiretamente a *plenitude simplesmente*. A expressão medieval *Deus est ipsum esse* diz o ser como plenitude e quer acenar para o sentido da definição dada pelo próprio Deus a Moisés na sarça ardente: *Sou quem sou* (Ex 3,14) (Mestre Eckhart, 2006, p. 335-336).

<sup>16</sup> Na tradução do alemão medieval (*Mittelhochdeutsch* = médio-alto-alemão), por Josef Quint, lê-se assim: “Was ich meiner Geborenheit nach bin, das wird sterben und zunichte werden, denn es ist sterblich; darum muß es mit der

Segundo *a lógica sem lógica*, melhor, segundo *o sentido sem sentido* que norteia e motiva a busca do ou pelo amor divino de Beatriz de Nazaré, jamais caberia qualquer aproximação que estivesse na esfera da segurança do cálculo ou da mensuração em sentido positivo, enquanto a única maneira de medir é, fundamental e essencialmente, encontrar-se já sempre numa modalidade sem medida, isto é, sem intermediários (*sine medio*), o que poderíamos chamar, então, de uma ascese do desejo, ocupando-se a autora com maestria no emprego e refinamento da linguagem simbólica e passando por uma erótica do conhecimento até a mais apurada reflexão filosófica sobre o relacionamento ser humano com o amor divino, melhor, estando já sempre imersa no amor divino (Nogueira, 2017, p. 158).

Contudo, parece sempre ainda pairar uma dúvida no ar: como podemos nós hoje, ao ler um texto como o de Beatriz de Nazaré e de tantos outros místicos das mais diversas tradições de “pensamento negativo”, compreender fundamentalmente um modo que não tem modo, isto é, apesar do desejo e empenho incansáveis e insaciáveis, já saber, por antecipação, que o que se deseja conhecer e alcançar nunca poderá ser, de fato, alcançado?

É possível que nossa incompreensão se dissipe e desfaça se considerarmos que a negatividade da mística negativa é sua única positividade e, quiçá, “única certeza”. Nunca, porém, como um conhecimento absoluto e inconcusso. Pelo contrário, trata-se, pois – de novo e sempre de novo – em aceitar e reconhecer a total negatividade humana como positividade divina e, tendo uma vez alcançado e entrado nesta dinâmica – que é sempre se movimentar em sucessivas, recursivas e repercussivas modulações do mesmo amor divino – já ter sempre também ouvido, visto e descoberto um dos mandamentos mais importantes de Jesus, o Cristo: “Falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, toma a cruz, e segue-me” (Mc 10,21).

Num belo texto intitulado “De uma conversa sobre o pensamento que teve lugar num caminho de campo entre um pesquisador, um estudioso e um sábio” (“Ein Gespräch selbstdritt auf einem Feldweg zwischen einem Forscher, einem Gelehrten und einem Weisen”), encontramos de Martin Heidegger a seguinte anotação de Mestre Eckhart a respeito de “deixarmos as coisas serem” (Vom Lassen der Dinge): “Wo ich für mich nichts will, da will statt meiner Got” (“Onde eu não quero nada para mim, Deus o quer por mim”) (Heidegger, 1995a, p. 158).

## Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 9. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 1988.

ANGELUS SILESIUS. **O Peregrino Querubínico**. São Paulo: Paulus, 1996.

---

Zeit verderben. In meiner (ewigen) Geburt wurden alle Dinge geboren, und ich war Ursache meiner selbst und aller Dinge; und hätte ich gewollt, so wäre weder ich noch wären alle Dinge; wäre aber ich nicht, so wäre auch ‘Gott’ nicht: daß Gott ‘Gott’ ist, dafür bin ich die Ursache; wäre ich nicht, so wäre Gott nicht ‘Gott’. Dies zu wissen ist nicht nötig” (Mest Eckhart, 1971, p. 730).

BEATRIZ DE NAZARÉ. **Sete maneiras de amor sagrado (Uan seuen manieren van heiliger minnen)**. Tradução de Arie Pos e estudos introdutórios de Joana Serrado, Arie Pos e Maria Pinho. Edição bilingue neerlandês médio e português. Porto: Afrontamento, 2018.

CANTORE, Stefania. Beatriz de Nazaré. In: BORRIELLO, Luigi. **Dicionário de mística**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003, p. 149-150.

CIRLOT, Victoria e GARÍ, Blanca. **La mirada interior: Escritoras místicas y visionarias en la edad media**. Barcelona: Martínez Roca, 1999.

COSTA, J. M. Apresentação. In: Pereira, J. A. C. **Santa Clara de Assis: época, carisma e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes; Brasília: Conferência da Família Franciscana do Brasil (FFB); Braga: Editorial Franciscana, 2019.

GARÍ DE AGUILERA, Blanca. **Beatriz de Nazaret. Introducción y edición crítica. Siete modos de amor**. Biblioteca Virtual de Investigación Duoda. Disponível em: <https://www.ub.edu/duoda/bvid/pdf/Duoda:text:2011.03.0001.pdf>. Acesso em: 04/06/2024.

HEIDEGGER, Martin. **Feldweg Gespräche (1944-45). Ein Gespräch selbsttritt auf einem Feldweg**. Frankfurt am Main: Vittorio Klosterman, 1995a.

HEIDEGGER, Martin. **Phänomenologie des religiösen Lebens**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995b.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2010.

HOLLYWOOD, Amy M. Inside out: Beatrice of Nazareth and her hagiographer. In: MOONEY, C. M. (ed.). **Gendered voices: Medieval saints and their interpreters**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 78-98, 1999.

HOLLYWOOD, Amy M. **Acute melancholia and other essays: mysticism, history, and the study of religion**. New York: Columbia University Press, 2016.

HOLLYWOOD, Amy. **The Soul as Virgin Wife: Mechthild of Magdeburg, Marguerite Porete, and Meister Eckhart**. Dame e Londres: University of Notre Dame Press, 1995.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KIRCHNER, Renato. A intimidade da experiência religiosa: uma aproximação fenomenológica da mística de Bernardo de Claraval. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 307-336, maio/ago. 2016.

MCGINN, Bernard. **O florescimento da mística: homens e mulheres da nova mística (1200-1350)**. São Paulo: Paulus, 2018.

MESTRE ECKHART. **Sermões alemães. Vol. I: Sermões 1 a 60**. Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2006.

MESTRE ECKHART. **Sermões alemães. Vol. II: Sermões 61 a 105.** Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2008.

MEISTER ECKHART. **Die deutschen und lateinischen Werke. Herausgegeben im Auftrage der Deutschen Forschungsgemeinschaft. Die deutschen Werke.** Editado e traduzido por Josef Quint. Terceiro volume. Stuttgart: Kohlhammer, 1971.

NEWMAN, Barbara. 13 Latin and the Vernaculars. In: HOLLYWOOD, Amy e BECKAN, Patricia Z. (ed.). **The Cambridge Companion to Christian Mysticism.** New York: Cambridge University Press, 2012.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Beatriz de Nazaré (1200-1268) e *Os sete modos do amor*. **Revista Graphos**, UFPB/PPGL, vol. 19, n. 3, 2017, p. 150-160.

ROMBACH, Heinrich. **Substanz, System, Struktur: Die Hauptepochen der europäischen Geistesgeschichte.** 4. ed. Freiburg: Karl Alber, 2010.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais: Ensaio de hermenêutica imaginativa.** Petrópolis: Vozes, 2000.

WOLFSKEEL, Cornelia. Beatrice of Nazareth. In: WAITHE, Mary Ellen (ed.). **A History of Women Philosophers. Volume II: Medieval, Renaissance and Enlightenment.** Dordrecht, Boston, London: University of Minnesota, Kluwer Academic Publishers, 1989, p. 99-114.

Recebido em 05/06/2024

Aceito em 11/10/2024